

AS REFERÊNCIAS AO COMUNISMO NO INÍCIO DOS ANOS 1930 NO DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Cristiano Cruz Alves*

Resumo: *As referências ao anticomunismo estiveram presentes na Bahia como instrumento de controle e poder. As interpretações sobre as manifestações das classes populares, notadamente do operariado, produzidas pelos jornais, especificamente pelo Diário de Notícias, demonstram a propensão das elites baianas a considerá-las atos que atentavam contra valores morais e contra a ordem. Os jornais, representantes dos setores das elites políticas baianas, colaboravam para a disseminação e idéias sobre o operariado e outros setores das classes populares ao associar algumas manifestações ou condutas que pudessem representar um rompimento à política de submissão.*

Palavras-chave: Anticomunismo; Imprensa; Política.

O presente artigo visa discutir algumas matérias veiculadas no jornal *Diário de Notícias* que fizeram referências sobre o comunismo sob a perspectiva da construção de concepções políticas e sociais que as elites dirigentes baianas tinham acerca do comunismo. A imprensa baiana, e especificamente o jornal *Diário de Notícias*, será um dos focos de atenção para detectar as características do anticomunismo presentes na Bahia. Ao mesmo tempo, considero a imprensa baiana instrumento para compreender como e por que o comunismo foi configurado pelas elites baianas como um perigo para a sociedade.

O COMUNISMO: UMA ILUSÃO

O anticomunismo é um fenômeno social e político que encerra em si um conjunto de ações, discursos e estratégias que visam combater o objeto da sua crítica e recusa: o comunismo (MOTTA, 2002, p. XIX). Para tanto, a construção de um conjunto de idéias acerca do comunismo é necessária para conformá-lo como um inimigo social, um ente que se contrapõem aos valores, instituições e estruturas sociais e econômicas vigentes na sociedade capitalista e ocidental.

Dentre os elementos mais importantes que estão presentes nos discursos anticomunistas é a idéia de que o comunismo tende a desintegrar a sociedade tal como as pessoas a conhecem e a aceitam, lançando-a numa desordem social. O discurso é concatenado com os referenciais sociais que mantêm coeso o todo social em que as representações são criadas e transmitidas. O que pude constatar no caso baiano é que as idéias e noções disseminadas pelos anticomunistas estão relacionadas às questões religiosas, à família e à harmonia social, principalmente.

Estas idéias se constituíram num ideário disseminado pelas forças conservadoras da sociedade cuja formação se deveu à propagação de uma noção de comunismo como ameaçador para a ordem social e o estabelecimento de uma sociedade comunista levaria ao fim valores cristãos e capitalistas. Por isto as classes dominantes, no intuito de legitimar as desigualdades

*Licenciado em História pela Universidade Federal da Bahia; pós-graduando em metodologia em pesquisa, educação e extensão pela Universidade do Estado da Bahia; Mestrando em História Social pela Universidade Federal da Bahia. Professor da rede municipal de ensino de Camaçari. E-mail: ccalves@ufba.br. Orientador: Prof. Dr. Muniz Ferreira Gonçalves.

existentes e negar a eficácia do comunismo, descaracterizavam-no ao apresentar-lhe como um “perigo”, redefinindo conceitos e moldando ações políticas.²

A construção de um imaginário em torno do comunismo, cuja definição é forjada pelos seus opositores mais radicais, é um produto do anseio das classes dominantes de torná-lo aos “olhos” da sociedade um ideário de desgraça, da emergência do caos social e do terror político. Assim, o comunismo seria destrutivo, constituindo sua principal meta a aniquilação da escala de valores sociais, pois o comunismo é tão somente uma ideologia que cria o caos, elimina as distinções ou quebra escala de valores sociais.

Compreender a forma como e porque este imaginário é forjado e para que interesses ele serve é também apreender o significado na constituição deste, fundado em certas restrições ou preconceitos com relação a posturas e a mentalidade política e social. Se a sociedade baiana não era considerada um terreno fértil para a sementeira comunista, como afirmavam alguns anticomunistas, fica claro o contrário: a incipiente mobilização popular no início dos anos 30 provocou temores a alguns setores das elites que passaram a ver a Revolução de Outubro como ameaça à hierarquia social.³

A REVOLUÇÃO DE 30 E A BAHIA

A principal característica política do período 1889-1930 é a representatividade restrita e a rigidez da estrutura de poder. Baseado nestes dois elementos, os setores tradicionais conservaram-se no poder sem grandes percalços até 1930, quando houve um rompimento na perpetuação da monopolização dos espaços de poder.

A persistência desta máquina político-administrativa, excessivamente vulnerável ao poder das elites econômicas tradicionais, tornou-se incompatível com as mudanças em curso na sociedade brasileira, em vias de superação do *status* de economia primário-exportadora. (DINIZ, 2004, p.82).

A incompatibilidade exposta acima, entre as mudanças na sociedade e a permanência das mesmas elites agrário-exportadoras no poder, se expressava principalmente na demanda por uma participação autônoma de outros setores que vinham sistematicamente protestando contra o sistema político vigente, como por exemplo, o operariado, alguns funcionários públicos e a pequena classe média. Entretanto, na Bahia isso não ocorria de maneira intensa, tal como no Centro-Sul estava acontecendo.

A despeito das caracterizações que se possam fazer a respeito das mobilizações populares na Bahia nas primeiras três décadas do século XX, posto que sua importância está na negação da visão de indolente e pacífico que é atribuída ao baiano, as organizações e mobilizações do povo não atingiram o mesmo grau de contundência e enfrentamento se comparadas com as de São Paulo e Rio de Janeiro, exceto pela greve de 1919. Parafraseando um dos autores que estudou as condições do trabalhador baiano na Primeira República, um dos traços mais importantes foi a cooptação de setores populares por parte das classes dominantes e a sua domesticação. (SANTOS, 2001, p. 101).

² Admito que só podemos definir classe quando se conhece o processo histórico no qual está inserida, pois é no desenvolvimento da inter-relação cultural entre os diversos grupos que se reconhecem como distintos dos outros, com o qual podemos definir quem são. Assim, não é o processo de produção e distribuição material entendido como economia pura e simplesmente que define classe sem nos reportarmos a outros aspectos sociais e a sua posição nas disputas de poder e espaço político. Classes dominantes seriam aquelas que detêm a hegemonia na produção de valores, representações e idéias culturais que são comumente aceitas e permeiam direta ou indiretamente a construção e desenvolvimento de outros universos culturais.

³ Segundo Sampaio (1998, p. 222) a Bahia era legalista. A Revolução que começara em Minas Gerais, Rio Grande do Sul, não teve apoio dos grupos que ocupavam o poder naquele momento.

Indo mais além, podemos afirmar que, ao contrário do que algumas correntes pensam a respeito da reestruturação política, da participação e representação nacional após 1930, continuou existindo uma sistemática exclusão por parte das classes dominantes e por alguns representantes da própria classe trabalhadora. Constituiu-se assim, na visão de Ítalo Tronca, uma ocultação do real, já que a escrita da história da revolução de 1930 “foi e continua sendo um poderoso instrumento de dominação, na medida em que apagou a memória dos vencidos na luta e construiu o futuro na perspectiva dos vencedores.” (TRONCA, 1982, p. 7).

O temor gerado pelas elites quanto às indefinições dos rumos que o país iria tomar gerou a continuidade e o aprimoramento de um circuito de dispositivos repressores e disseminadores do medo à instabilidade social. Ao mesmo tempo em que ocorria o recrudescimento da disposição totalitária, ocorria uma série de redefinições em relação à cidadania e ao que é “o brasileiro” e o contraponto disto – a formação de um inimigo configurado pela negação destas noções construídas pelo Estado e por parte da sociedade. Este inimigo seria o comunismo.

A partir de 1930, ocorreu uma alteração na relevância que a imprensa escrita atribuía ao “credo de Moscou”. No âmbito estatal, se conformaram também algumas mudanças em relação ao regime anterior, como a criação de uma seção especial de combate ao comunismo no Rio de Janeiro e a edição de leis que tornavam o movimento operário atrelado ao governo (TRONCA, 1982, p. 92-93). As ações policiais e as leis que limitavam a manifestação e organização das classes populares justificavam as repressões devido à propalada “ameaça comunista”. Neste sentido, a preocupação era a contenção de possíveis movimentos que ameaçassem a estabilização do novo governo. Portanto, a violência continuou a ser infligida nas delegacias e prisões contra os dissidentes políticos e pertencentes às correntes políticas que não acatavam a normalização do regime tal como estava se processando, principalmente, os comunistas. (PINHEIRO, 1991, p. 259).

A Bahia não esteve alheia à profusão da institucionalização das ações autoritárias, principalmente após 1930, gerada pelo temor às mobilizações populares. Na Bahia, também ocorreu uma maior atenção ao comunismo por parte das elites locais. Contudo, esta preocupação estava assentada em formulações ideológicas que remontam ao início da República. O comunismo era um elemento novo que contribuía para a “conturbação” social, mas que não se dissocia de outros - se pensarmos que o combate ao comportamento arredo das camadas populares, tanto em seus aspectos culturais como em suas condições de trabalho, já existia.

Refiro-me especificamente às modalidades de violência que se praticavam para conter a ascensão de uma camada considerada inculta, irracional e incapaz de ocupar os espaços de poder. Este processo de constante segregação social que continuou na década de 1930 - não obstante certos momentos de legalidade liberal – ocorreu paralelamente a um projeto elitista de adequar a Bahia a um modelo de “civilização” que pelo seu caráter excluía manifestações outras que a ameaçavam sobremaneira. É possível nos aprofundarmos nisto se admitirmos que aspectos, abordagens, atores sociais negligenciados pela história factual agora se tornam vitais para entendermos o quanto pode parecer normal que na Bahia, não tendo um movimento operário hegemônico pelo anarquismo ou comunismo, possa existir um anticomunismo tão presente nos jornais.

Ações e idéias que excluía a grande parte da população vinham sendo implementadas para afastar as classes perigosas do centro dos acontecimentos sociais e políticos. Um dos exemplos que poderia ser citado é o carnaval. Considerado pela elite baiana como uma festa européia porque resgatava elementos “bons” e “civilizados” do velho continente, o carnaval com influência africana não era bem visto. Vê-se no início do século XX, a linguagem de “civilização” contra o “barbarismo” devido ao aumento da africanização do carnaval. (BURKE, 2000, p. 228)

A violência não era descartada, pelo contrário, era elemento presente quando ocorria resistência de qualquer tipo a este modelo de sociedade, e nisto se inserem várias lutas contra a carestia, por exemplo. A partir de 1930, as mudanças que irão ocorrer no âmbito governamental

para aplacar estas lutas, como a regulamentação trabalhista e a organização sindical, terão reflexos na relação entre camadas populares e Estado, mas não fizeram dissipar a repressão tanto concreta como simbólica - nesta tendo como feixe principal o anticomunismo.

Estas características da sociedade baiana contribuíram sobremaneira para a construção do “outro” como inimigo. Recorrendo a Dutra, trabalho no qual faz um paralelo entre anticomunismo e a construção de um Estado autoritário e discricionário, o comunismo é este “outro” o que ameaça a ordem (DUTRA, 2002, p. 126). O anticomunismo, nesta ótica, então faz parte de um processo de reforço de valores morais, religiosos, familiares e pátrios que ao delimitá-los, os simpatizantes e seguidores do totalitarismo fascista automaticamente discricionam aqueles valores que não se inserem no campo conservador-autoritário. Esta ação combinada com a formulação de representações acerca do “outro” em uma sociedade que procura expurgar as classes populares, mais as resistências políticas à Revolução de 30 pelo seu caráter indefinido, conflui para o comunismo.

Justificadas pela eminente desagregação social, provocada pela instabilidade política e econômica, as forças que defendiam um Estado forte atribuíam ao comunismo a causa para a desunião e a descrença nas instituições. Em 1935, aos olhos das elites, a Intentona Comunista veio apenas confirmar o perigo que representava, visto que os conceitos e formulações acerca do comunismo estavam provando seu poder aniquilador do Estado e sociedade brasileiros. A consequência para os comunistas foi a intensificação da hostilidade e um clamor por punição e prevenção contra novas rebeliões. (HILTON, 1986, p. 93).

O DISCURSO ANTICOMUNISTA

Uma das manifestações mais importantes do início da década de 1930 que gerou protesto em vários jornais, quanto ao seu caráter, foi o *Quebra-bondes*.

Ocorreu no dia 4 de Outubro, um dia após o início do movimento militar. A insatisfação em relação aos aumentos de passagem, aliada ao fato da companhia ser estrangeira, fizeram surgir uma associação do explorador com a exploração. O culpado era o americano que, além de tudo, usava a bandeira brasileira de maneira vil⁴. Houve a quebra dos bondes, um ataque ao edifício-sede do jornal *A Tarde* e a destruição de prédios públicos e privados. Os revoltosos foram presos. Eis a notícia que foi veiculada dois dias após, num jornal do interior da Bahia:⁵

OS GRAVES ACONTECIMENTOS DA BAHIA⁶

O povo, num assomo de revolta, depreda edifícios e incendeia bondes da Linha Circular.

A Cidade viveu hontem uma noite de intensa agitação por ter um grupo numeroso de pessoas do povo, depois de engrossado e dividido por outros grupos, atacado o prédio da Companhia Circular apedrejando-o e modificando-o. Em seguida o referido grupo voltou-se para os bondes que desciam o Saldanha, rumo ao Terreiro, apedrejando-os rapidamente. Apareceu logo ahi kerosene e gasolina e vários carros foram incendiados (...).

Parece que há germem de comunismo nos graves acontecimentos de sabbado último.⁷

⁴ Segundo Luiz Henrique (2001, p. 382), “os protestos tiveram origem no grupo de populares que teria visto a bandeira nacional servindo de tapume para obras na encosta dos fundos do prédio da Circular”.

⁵ Não houve por parte do *Diário de Notícias* a publicação de notícias referentes aos acontecimentos, apenas uma nota de lamento dos diretores da empresa de bondes quanto aos “incidentes”. Alguns dias depois uma outra nota de esclarecimento foi publicada para explicar a paralisação de linhas por conta da destruição dos bondes no dia 4 de Outubro.

⁶ A grafia original das citações dos jornais será mantida.

⁷ Ver *Diário da Tarde de Ilhéus* 06/10/1930.

A intenção do jornal baiano neste evento específico era associar a violência do evento ao comunismo. Reforço do comunismo como um mal, a violência era uma das suas manifestações mais evidentes, causa para atitudes desreguladas socialmente. É neste sentido que as palavras guardam o efeito de produzir para o leitor as noções de Bem e Mal: O Bem são os baianos pacíficos e ordeiros, enquanto que o Mal são os outros, neste caso o comunismo.

Nos meios de comunicação a ilusão da objetividade do discurso é mais visível por que intencional. O jornal, por exemplo, transmite uma ordem na qual estão contidos valores ocidentais, “onde o bem é o anticomunismo em função dos consensos, explicações com encadeamentos de causa e efeito etc., que vão sendo organizados”. (MARIANI, 1998, p.122). O discurso jornalístico tende a encadear os sentidos e produzir uma lógica que aparenta ser imanente a realidade, sem discussão profunda do que venha a ser o comunismo e se o que está sendo posto como comunismo o é de fato.

O comunismo era uma ideologia que não tinha possibilidade de ser implantada no Brasil e para alguns se tinha que tomar todo cuidado por parte do governo para que o comunismo não pudesse se expandir e instituir a “anarquia”. Neste sentido, a Revolução de 1930 trouxe um medo quanto à inserção de comunistas no movimento, como no texto abaixo:

Cuidados com as insídias communistas!

[...]

Como em Buenos Aires, incubiram-se dessa ignominiosa tarefa de subversão da ordem, para implantar o domínio da anarchia, os elementos communistas que se acoitam neste momento, nas grandes capitais das nações civilizadas, aguardando oportunidade propícia, para sementeira dos seus planos machiavélicos. E, com esse propósito, e encorajados para essa finalidade, os communistas do Rio de Janeiro, aproveitando-se daquelles instantes de irreflectidas deliberadamente, crearam, de chofre, uma situação de desentendimento entre as forças do Exército nacional alli estacionados e a polícia militar e o corpo de bombeiros que deixaram os seus quartéis e, na praça pública, entraram, corpo a corpo, em lucta ingloriosa, dahi resultando o desfecho conquistador de um morticínio.⁸

A notícia se refere ao Rio de Janeiro, mas não impede sua análise por conta da concordância por parte do diário baiano em publicá-la. Demonstra preocupação em relação aos rumos da revolução em face de acontecimentos ocorridos em outros países. Os exemplos estrangeiros e de outros estados colaboram para a formação de um anticomunismo ao apontar a desordem causada ao alertar para a possibilidade disso ocorrer caso o comunismo destruísse o Estado.

Podemos inferir também que, ao ressaltar os embates militares entre o exército e os comunistas, aqui ainda chamados de “anarquistas”, a interpretação do leitor pode indicar um perigo de um conflito militar interno, o que contribui ainda mais para a rejeição do comunismo e seu combate como ideologia “perniciosa”.

A partir de 1930, há uma atenção maior também para a situação do operariado. Este, considerado alvo preferencial pelos comunistas, precisava ser alertado das falsas promessas da “doutrina vermelha”. Para tanto, notei que houve um discurso específico construído para “esclarecer” o que seria o comunismo e apontar as negatividades que poderiam trazer para o operário se este fosse levado a adotar o comunismo.

Parte do que foi veiculado pelo *Diário de Notícias* foi realizada a partir de conclusões a respeito da condição do operariado russo após a revolução comunista de outubro. Mesmo não sendo explícitos neste ponto, os autores do artigo tomavam como referência o operariado da Rússia para estabelecer prognósticos sobre como poderia ser no Brasil, apontando as mazelas que seriam geradas caso o comunismo dominasse o país.

⁸ Ver *Diário de Notícias* 30/10/1930

Um artigo que mostra este ponto de vista é apócrifo – como boa parte dos artigos o é:

O Operário da Indústria

Escrevemos estes artigos como propaganda que instrua o povo brasileiro acerca dos porquês a que se expõe se prestar ouvindo à predica de falsos apóstolos da liberdade individual, da igualdade social e da fraternidade em que viverão os homens de todas as condições de cultura, de origem social.

Promettem esses apóstolos uma organização social ideal, em que cessam as desigualdades e toda gente se bitola pelo principio, que nosso povo defini tão bom como tão bom.

Pois espere isso o bom povo brasileiro: - o contrário há de acontecer porque taes apóstolos trazem, como disse o poeta lusitano – Mel na voz, fel na tenção. E quem são no Brasil taes pregadores do communismo, do anarchismo, da demolição total da organização social, para sobre sua ruína implantar-se o communismo , que significa guerra de noite à santa religião de Christo, de destruição completa da Família e obliteração do sentimento da Pátria, que lida com indissolúvel cadeia, o indivíduo à gleba que o viva nascer? Sim, quem são esses homens.

[...]

[nesta parte, o artigo descreve a vantagem da organização do trabalho em relações as aptidões dos indivíduos em determinadas áreas]

E vide o que seria, si em vez dessa bella organização em que cada um escolhe o gênero de actividade que se coaduna com a sua natureza, todo um povo fosse obrigado a trabalhos necessários a apenas a sua subsistência, sob o mando de governos despóticos, sem liberdade na escolha do modo de aplicar o seu esforço!

E, a propósito disso, acabo citando a palavra de um autor – A rotina, a ausência de expontaneidade da vida communista, é um peso para os espíritos, que a segurança dos meios de vida não compensa.⁹

Neste texto, como na grande maioria, há uma referência à religião, em que se reafirma o comunismo como uma ameaça ao cristianismo. Denuncia também a “ilusão comunista” da liberdade, igualdade e fraternidade, cuja realização não é possível de acordo com os princípios e moldes comunistas. O problema desta utopia seria o represamento da espontaneidade humana que no comunismo estaria posta pela impossibilidade do homem escolher sua própria atividade. Atingindo a religião e a liberdade, bases fundamentais da sociedade brasileira para os liberais e conservadores da elite no poder, o jornal tende a criar nos seus leitores um repúdio ao comunismo pela negação destes aspectos da vida social.

Não obstante isto tudo, o jornal representava os interesses do governo que acabara de ocupar o poder. Através da publicação de várias cartas e artigos de Agripino Nazareth, advogado e um dos líderes operários da Greve de 1919¹⁰, o jornal compactuava com a política sindical do governo Vargas. Esta política, que ao mesmo tempo legalizava direitos reivindicados por mais de duas décadas, trazia para perto de si líderes operários para auxiliar o governo a organizar os sindicatos para atender o seu desejo de controlar os trabalhadores.

As violências perpetradas contra a classe trabalhadora e a população descontente com o regime não eram noticiadas pelo *Diário de Notícias*. Mas a inquietação do governo quanto à organização e à articulação dos sindicatos baianos com os comunistas era algo latente, pois vários foram os textos jornalísticos que versavam sobre o assunto. Curiosamente, em quase todos eles Agripino Nazareth está presente, ou como destinatário de uma carta ou mencionado por outro autor, o que nos permite especular a respeito da função organizacional desempenhada por

⁹ Ver *Diário de Notícias* 10/07/1931

¹⁰ Ver CASTELUCCI, Aldrin Armstrong Silva. *Salvador dos Operários: uma história da greve de 1919 na Bahia*, 2001. 152 p. Dissertação (Mestrado em História). UFBA. Salvador.

ele na Bahia com vistas ao controle e a impedir a inserção dos comunistas no sindicalismo baiano.

Um destes textos é uma resposta de Agripino Nazareth a um líder operário – não mencionado – em relação à preocupação do primeiro quanto ao comunismo.

Certo deveis prosseguir no trabalho de reivindicação do Centro Operário da Bahia para os operários, delle afastados os elementos estranhos que o converteram num colo de politicalha.

[...]

O homem que ora dirige os destinos da Bahia vem de uma campanha iniciada na propaganda liberal, prosseguida nas urnas eleitorais e victoriosa, afinal, no embate das armas revolucionárias com as dos defensores do regimen olygarquicos. É, portanto, o interventor federal um integrado na mentalidade do Brasil Novo e não opporá entaves à reorganização syndical dos trabalhadores bahianos até porque fiéis à antiga orientação de adeptos do syndicalismo puro, sem mescla de ideologia política ou philosophica, sereis uma barreira á penetração do bolchevismo dissolvente e da politicagem profssional, um e outra igualmente funestos à vida das associações de classe.

Com os meus agradecimentos às confortadoras expressões do telegrama que me dirigistes em nome do proletariado baiano, o abraço fraternal a todos os companheiros e o concitamento a que retomeis o fio mentalmente interrompido da syndicalização obreira.¹¹

O comunista é visto como estranho à classe operária baiana. Não merece atenção, pois é “de fora”, não pertence às tradições locais nem respeita as características do operariado baiano. O reforço de valores morais e religiosos combinado com a formulação de imagens acerca do outro confluem para o comunismo como aquilo que não se insere na sociedade e, portanto, o ameaça. É preciso então extirpá-lo; as práticas, ações e representação inseridas no jornal baiano cumprem este papel. Portanto, o comunismo é o “outro” por ser estranho ao processo de construção de valores religiosos e morais.(DUTRA, 2002, p.126).

No final há uma consideração interessante, que demonstra o quanto é inócuo o operário, incapaz de se auto-organizar e frágil politicamente para impedir a penetração do comunismo no sindicalismo baiano. Este era visto como “uma classe incapaz de pensar e agir por si mesma, totalmente manipulada pelo partido”[PCB].(SILVA, 2001, p. 73). Aliás é interessante assinalar que algumas referências à sociedade baiana especificamente se acham implicitamente nestes textos - como o baiano pacífico e ordeiro.

Também havia a inquietação em relação às greves. Curioso foi ler que, no trecho abaixo, esta apreensão partiu dos próprios operários(sic)!

Tivemos oportunidade de receber hoje, nesta redação, a visita de uma comissão de empregados da Companhia Circular, comissão esta que era constituída dos seguintes srs.: Américo Gomes da Silva, inspector; Gumercindo Ferreira, inspector; Juvêncio Alves do Nascimento, inspector; Argileu de Oliveira Lima, fiscal; Albino Garcia Martins, motorneiro; Antonio Pereira Souza Filho, conductor e Euclides Gomes da Silva, motorneiro.

Em nome dos mesmos, falou interpretando a orientação geral o sr. Gumercindo, que disse dos sentimentos seus e de seus colegas, contrários a qualquer greve, nesta hora, em que urge a acção da paz e do trabalho , para que a população nada soffra nos seus interesses.

Ora comprovar a solidariedade dos companheiros, exhibiu-nos, então um abaixo-assassinado de cerca de quatrocentas assignaturas, estando já assignados 364 empregados e faltando ainda outros assinar.

¹¹ Ver *Diário de Notícias* 08/01/1931.

Acrescentou a Comissão que, nos visitou que os ensaios de grève são promovidos por indivíduos estranhos à classe, tendo encontrado repulsa da mesma.¹²

Além da própria disposição dos operários em repudiarem o movimento grevista, eles reconhecem que este é promovido por estranhos ao operariado, nada tendo a ver com este. Infelizmente não é possível tecer afirmações a respeito deste texto, pois faltam ainda trabalhos sobre o operariado baiano no período, o que poderia contribuir em muito na resposta para várias questões acerca da relação do operário baiano com uma importante organização operária, o Centro Operário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em geral o anticomunismo baiano circunscrito no *Diário de Notícias* no início dos anos 1930, seguiu a linha de argumentação que outros trabalhos do gênero identificam em jornais, revistas, livros e imagens de outras regiões do país em relação ao comunismo.

A construção de algumas referências sobre o comunismo na Bahia por parte do *Diário de Notícias* se processou certamente pela ótica elitista, tendo em vista as concepções de participação política excludente e repressora que esta camada sociedade propugnava de maneira velada, o que tornava as manifestações populares, como foi a do *Quebra-bondes* ou as ameaças de greve, preocupações as mais diversas possíveis, em relação à possível penetração do comunismo no seio das classes populares.

A “questão social” foi um tema recorrente no *Diário de Notícias*. Quando tratada pelos intelectuais do periódico baiano, a maior parte da população não era vista como um ente que emitisse opinião sobre os problemas sociais. Está nisto, ao meu ver, uma das razões pelas quais a repressão violenta a manifestações contra o aumento de preços do bonde e a redução das condições de trabalho era algo normal e aceito pelo poder instituído. Como não é capaz de seguir uma conduta “correta”, segundo os parâmetros ditados pela “sociedade baiana”, é necessário guiar o povo para que não enverede pelo comunismo. Assim, os protestos e as greves são formas incorretas e insidiosas que atentam contra os valores religiosos e morais.

O operário foi sem dúvida um dos temas mais freqüentes no *Diário de Notícias*. Seu tratamento se dava em certa medida pela mesma perspectiva em relação ao restante da população: era preciso instruí-lo para afastá-lo do “mal vermelho” e obter maior eficiência no trabalho. Mas diferentemente disto, ocorria, em parte dos textos, uma precaução com relação à articulação do operariado baiano com o comunismo. A interferência de Agripino Nazareth demonstrava que o governo Vargas não pretendia deixar a pequena classe operária baiana à deriva dos “sabores do diabo vermelho”.

A organização dos sindicatos era um tema crucial, sendo sempre levantado por Agripino Nazareth em alguns telegramas publicados pelo *Diário de Notícias*. A postura de alguns líderes operários e Agripino Nazareth era clara: organizar os operários para impedir a propagação do comunismo.

No jornalismo baiano, mais especificamente em dos seus principais jornais, o *Diário de Notícias*, foi notada uma postura claramente anticomunista com a intenção de transmitir idéias e noções sobre o comunismo que pudessem “esclarecer” a população. Sendo um órgão da grande imprensa e chamando para si a responsabilidade de focalizar um inimigo imputando a ele parte das mazelas vividas pela sociedade, o jornal assumia uma postura que reforçava o interesse de classe e a manutenção de uma determinada ordem que mantinha os mesmos grupos políticos na disputa pelo poder.

¹² Ver *Diário de Notícias* 25/11/1930

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **Variedades da História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização, 2000.

CARONE, Edgard. **A Segunda República (1930 – 1937)**. São Paulo: DIFEL, 1974.

CASTELUCCI, Aldrin Armstrong Silva. **Salvador dos Operários: uma história da greve de 1919 na Bahia**. 2001. 152 f. Dissertação (Mestrado em História). UFBA, Salvador.

DINIZ, Eli. “**O Significado da Revolução de 30: conservação ou mudança**”. In FAUSTO Boris (org.) *O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)*. 3º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004 (História Geral da Civilização Brasileira).

DUTRA, Eliana Regina Freitas. O fantasma do outro – espectros totalitários na cena política brasileira dos anos 30. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 12, n. 23/24, p. 125-141, out/2002.

HILTON, Stanley. **A Rebelião Vermelha**. São Paulo: Record, 1986.

MARIANI, Bethânia. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1988, p. 120.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PINHEIRO Paulo Sérgio. **Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil: 1922-1935**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SAMPAIO, Consuelo Novais. **Partidos políticos da Bahia na Primeira República: uma política de acomodação**. Salvador: EDUFBA, 1998.

SANTOS, Mario Augusto da Silva. **A República do povo: sobrevivência e tensão(1889-1930)**. Salvador: EDUFBA, 2001.

SILVA, Carla Luciana. **Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)**. Porto Alegre: EDIPUCRGS, 2001.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. São Paulo: Editora UNESP; Bahia: EDUFBA, 2001.

TRONCA, Ítalo. **A Revolução de 30: a dominação oculta**. 8º ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.